

Furar Céu, Rasar Maré, Nortar Palavraⁱ

Nesta hora em que me esqueço
a dizer o bater d'asas
entre os pássaros em espirais começo
a gozar o vento quente nas palavras.

Desconhecendo eles de mim o desejo
das frases cheias de ar
mais sólido me torno, bicho d'osso
no fundo dum aéreo mar.

Sei que é vão e gasto
este dizer esse espaço
onde as asas deixam abertas
mas as asas também tocam as minhas
o ar também sopra no meu peito
e nos pós também eu me deleito.

Os pássaros que cantam
meus espíritos são
a rocha de mim, que se não
faz areia levo-a na mão.

E se assim for, se no fundo
do mar afinal me afogo,
se viver não posso
um homem sou só, de carne e osso,
então contra os pássaros escrevo,
esses que tão azinha falam,
faço a minha voz
onde eles as asas estalam.

Faço disso este espaço aqui
no desejo de firmar e grafar
esta coisa que está em todo o lado
mas já e sempre ali.

E até que venha um ancinho
das cinzas-águas sargaços puxar
aqui me faço pássaro assim
o vento me ajude a falar.

Começa assim
chegar à Póvoa de avião, sobrevoar o mar,
as marcas na madeira da porta a dizer
este corpo é meu, este barco é meu
eu que sou coisa de pedra me atiro à água
querendo não ser pesado mas ser leve
ou sendo leve querendo ser pesado
deixar marca que mais pouco se pode fazer

ser faca de gume quente a marcar as madeiras
é isso que se faz já que é tudo um momento
um querer entrar fundo
antes duma onda estilhaço vento
nos partir e nos levar a lugar nenhum.

Chegar à Póvoa por cima dessa porta a dizer
isto é meu mas podia não ser
por isso marco fundo e faço rasgões
fazemos rasgões, fazemos corpos
enfiamos facas uns nos outros
peixes nos peixes guelras nas bocas
a ver se respiramos de outras maneiras
limpamos tudo e deixamos o ar entrar

Chegar à Póvoa rasando a espuma das ondas
pode ser que pairar ali seja
uma porta para ser bicho que puxa arranca e marca,
junta carnes mãos corpos encaixes.

Pode ser que pairando ali no remo puxado para cima
antes de o mergulhar outra vez
nesse tempo do remo paralelo à água
impossível porque afinal
as ondas sobem e remoinham
e as correntes as marés as lamas os sargaços
fazem malhas oblíquas
também elas de carne
também elas pairando nos seus próprios mundos
pode ser que num remo pairando
antes da espiral salgada mergulhar
se tenha uma ideia clara
da faca no nervo do tronco da porta
e se marque se afunde na seiva seca
dessa ideia vindo uma forma em símbolo carnudo
que dizendo só uma coisa passa por tantas outras.

Chegar à Póvoa a nortar as ondas
uma grafia de vento
é chegar a esse tempo da faca antes da marca
dos lábios antes dos lábios
da mão antes da mão
das palavras antes do som
da respiração antes do ar
da perna no ar antes do chão
das asas a pairarem antes do vento
do antes das coisas se isso for possível,
do puxar para trás parando.

Falo de parar
do segundo antes da onda rebentar
mas na verdade do que falo é
da onda a rebentar, da lâmina a marcar.

Quando é que começa a posse quando não se tem nada?
Quando é que a marca se faz viva antes da grafia?
Quando é que o desejo fala antes de se fazer corpo?

Chegar à Póvoa
levantar formas, estruturas, galhos
assiná-las com saliva e babas.
Calar os silêncios que dão forma
fazer um corpo sólido
ficar aqui de pedra mão ao vento
aos pássaros a raiar carbono.

Falo das formas que não existem,
não como as vemos
que as percebemos rijas fechadas
mas são abertas cheias de ar.
vemos as coisas por fora
parecem coisas inteiras
sem medos marés
sem movimentos sangue rasgões
sem aberturas sem músicas
Vemos as conchas que
sendo inteiras são ocas
sendo duras são de areia.

Falo deste aqui que é falar dos olhos
que vêm para fora de si mesmos
se alguma vez o puderem fazer,
olhos líquidos de luz
a fazerem pedras escuras
é no meio que ficam as palavras
os gumes as grafias
as veias nos braços.

Chegar de cima e ver do céu inteiro coisas separadas
barracas, bolas, cabeças, prédios, antenas, estradas
é não ver nada é não saber nada.
Ver pelos olhos dos pássaros
que não sabendo nada gritam
formas de ossos ocos
calcificadas mas oxigenadas
sólidas mas no ar
num alto de se fazerem pedra.

Falo do chegar aqui e olhar, olhar para cima
ver os bandos a pulsar no céu
do rasgar os olhos com lâminas para
ver o céu pixelizado a derreter
em manteiga multicolor a escorrer das nuvens

deixar entrar os pós as transmissões na língua
perceber a malha de satélites ondas rádio
sementes digitais levadas pelo vento
junto com os pós e os pólenes
a estenderem raízes finas
filamentos com neurónios a interligarem-se

dizíamos troca dizemos filamentos
dizíamos troca dizemos beijo
dizíamos imagem dizemos carne
dizíamos carne dizemos imagem
dizíamos outros dizemos sistema
dizíamos sistema dizemos juntos

Falo a dar voz porque isto é escrito para ser dito
para lhe trazer ar que sem ar é só forma inteira.

Falo à espera de resposta
na linha mais simples da poesia
que são duas linhas que se pegam de boca na boca
uma pergunta uma resposta

uma serpente acobreada girando sobre si mesma
enlaça perguntas respostas,
uma serpente roça nas pedras
esfrega as escamas, arranha as ervas, abre cortes,
olha de olhos amarelos
as linhas de veneno que vai deixando
de onde pingam vozes
que não sabia ter nem adivinhava saber.

quem vem lá?
eu fechado aberto a morder.

quem pode comer este pão?
a mão que o parte destina a côdea.

quem pode dormir aqui?
quem agarrou as escamas.

quem pode beijar aqui?
aqueles que mordem os lábios.

quem fez estas casas?
os que dormem na rua.

quem pode amar?
quem pinga o veneno amarelo.

quem se abraça naquela cama?
lava a cara limpa o sal dos olhos.

quem fala?
tu, bicho de osso oco.

quem dorme ao sol?
a carne mole o osso duro o cabelo ázimo.

alguém que sonha como se não tivesse
contas a prestar nem respostas a dar.

No sonho repousa a cabeça no braço
faz uma cova na areia para o estômago
ficam as costelas ao ar esporos
por onde saem raízes que se torcem
entram pela areia desfazem minerais
bebem a seiva seca do sólido.

Delas nasce uma árvore em forma de peito
sem carne só ossos estriados
com marcas de bicos
gotas roxas na gordura dos nervos

no lugar dos pulmões caranguejos
no lugar do coração búzios
no lugar dos cabelos gotas de gasolina
no lugar das veias dos tendões das gelatinas
papéis água enxofre.

no lugar dos dentes sementes ocas
no lugar das gengivas ninhos de ovos partidos
a pasta amarela a tintar os lábios,
no lugar das pernas, nebulosas
a fermentarem os músculos.

Nascem frutos verdes desta árvore
abrem-se pastosos a pingar
açúcares pelos ramos vítreos,
esboroa-se o corpo em cinzas.

um corpo de gás que os pássaros bicam,
vindos do alto mergulham por dentro
deixam penas no lugar das unhas
deixam bicos no lugar do fígado.

Daqui te falo Tobas
à sombra desta árvore
que já me entram os ramos nos ouvidos
que já me empurram os maxilares
que já espetam a seiva venenosa no coração
que já espalham purpurina nas feridas.

Falo-te deste deserto calcinado
à sombra da árvore mutante
a ligar estas linhas às tuas
a beber das poças sulfúricas
onde as serpentes nadam em fios de pão.

Ouve

No dia dos carimbos
estenderia a língua a pingar
beberia a tinta, cão a lambar as feridas
a ver se a tinta me vinha na fala
dizer uma frase nova.

No dia dos papéis
pegaria fogo e ficava a fumar o fumo
a ver se a cinza calcinava adivinhas
dizia o futuro.

Havia de me rir
no dia dos papéis caídos na água
porque conheço essa largueza de falar muito
para acabar em polpa a fermentar
baba que escorre por nós
mancha os dentes
emalha-se no lixo à beira da praia.
é risível
somos nós.

Daqui te falo desta festa
onde todos querem entrar
de onde todos vão sair
para depois recomeçar
tudo exatamente da mesma maneira
os olhos leitosos não vêm
que a banda toca sempre a mesma música
que as tintas no corpo
são malhas bactérias flores despigmentadas.

Seja como for o paraíso é um lugar
onde o nada nunca acontece
por isso te falo de mãos ao alto
para as hélices da avioneta onde pairas.

O inferno é o ego dizias
se for
bem podia ser um casino excêntrico em Las Vegas
ou o Nova Póvoa ou o Soteira
com as luzes apontadas ao céu de falas mudas
lábios de néon no céu à noite
bocas descarnadas abertas
os ossos ao vento.
O ego é um sol calcinante
uma brasa branca enrodilhada.

Bem podia ser um vapor de enxofre
um obituário decorado a datas
as janelas do Diana Bar a calcinarem
os livros em sóis brancos nucleares

Aqui te falo desde esse sol branco.
Do ter mãos e querer agarrar
ter pinças e querer espetar
ter dentes e querer morder
a luz branca antes do incêndio
o espaço das linhas a carnarem
espinhos noutras linhas
esperar que lhes pingue sangue
em gotas que se evaporam
ter pulmões e querer encher-lhes
os vasos desse vapor
não saber quando ardem
ficar a queimar a pele.

A linguagem é uma fase importante
para nos ouvirmos falar
lá dizias tu a largar papéis

dizíamos linguagem
ouvimos comunicação
dizíamos falar
ouvíamos fluxo

dizíamos ouvíamos
ouvíamos dizíamos
e por aí passava o que
não ouvíamos nem dizíamos

Ó Tobas meu querido passarinho
com asas de ferro e garras de nuvens
sabes do que passa entre as coisas?

Meu querido Tobas em queda livre
quem te disse as frases?
quem dorme na praia enquanto nós falamos?

ele disse vivei os vossos sonhos
eu ouvi um musgo a lamber a luz

ele disse aqui estão os meus papéis
isto vos deixo que amanhã já lá vou
a levantar pedras

ele disse fala destas coisas
que ficaram perdidas
e não se ouviram
fala que eu vou dando
migalhas de pão ao caracol do ouvido
fala mais alto traz o som.

eu digo não me chega
esse lugar lá de cima
falar do alto é não provar o sal
lançar do céu é não aterrar fundo

lá do alto é um engano
lá do alto não me vê
lá do alto nada tem sabor

eu bebo a gasolina da avioneta
eu vou com os caranguejos fundear
fazer conchas mastigar plásticos

ele disse de que te importa
o sítio de onde me vieram as frases?
já não sei em que língua
me vieram as ideias
já não sei quem as traduziu
já não sei o que querem dizer
do que falas não quero saber
dos papéis só sobrou tinta lavada pela chuva

essa árvore não existe
esse peito não bate sozinho
essa serpente tenho-a no pulso
tenho os pés nas poças
a borbulhar ao lado dos teus

ele disse ouve.
ouve a voz peluda a descarnar unhas

eu digo não sabes se finjo ouvir
a serpente enrolava-se ao meu ouvido
essa voz nunca existiu
os meus pés não são os teus
já não sei do sítio de onde vieram as frases
mas é desse sítio que falo.

E ao pensar onde me encontrava
quando a frase a mim chegava
da fortuna e das minhas queixas
dei conta ser do que falava,
Numa fala a que chamo lamento
por falta de melhor nome e por
se manter a rima constante no tempo.

Triste assunto
em linha de espiral a levantar pó,
não como a outra que dizia
o meu fim é o meu começo
e o meu começo é o meu fim,
que aqui é mais redondilha que rondó.

Porque a coisa Tobas,
meu querido passarinho,
é que não querendo dizer dizemos
querendo fechar abrimos
querendo abrir fechamos
querendo, queremos querendo
eu no Lounge tu no vão ninho.

Quando a Póvoa começou deu à costa um peixe raiado
quando lhe rasgaram a barriga com uma faca de pedra
no fedor da poça viram um pássaro enlameado

No bucho do pássaro sementes haviam
que ao darem fruto em mais peixes se abriam
peixes de tantas cores se punham aos molhos,
que não lhes davam conta os assombrados olhos.

Os peixes vendo-se livres ao mar se fizeram
com raiva de se abocanharem a ferver as águas puseram
engolidos uns pelos outros, pelos outros uns cuspidos
E foi assim que o mar da Póvoa se fez bravo.

As flores daquele bucho em plantas deram
antigos sargaços, os fundos do mar queriam,
a espuma das ondas os ventos lhe traziam.
E foi assim que o vento na Póvoa se fez bravo.
Foi assim ou doutra maneira mas olha
comigo que as barrigas esfaqueadas
ainda hoje largam assim como largou
a avioneta as tuas frases lançadas.

Há um peixe de barriga rasgada
no centro da Póvoa seja céu mar ou chão
rasga-se noutra barriga outras dentro de outras
saem corpos em dolorosa procissão.
Vão esqueletos vestidos de veludos ardentes
tecidos das carnes dos peixes ao avesso,
passam cegos ébrios ferventes
aos tropeções voltam ao começo.

Assim como eles chegamos ao lamento
Tobas, meu peixinho ao contrário de
espinhas à mostra no teu ninho ferrugento.

O lamento é o do sangue nas tiras plásticas
onde os peixes vomitam as barrigas nas fábricas
sujam as roupas fazem-se em pastas.

Vês aquilo que no que falo se demora?
Do fazer-se pasta, do fazer-se lixo
os dois nutrem os dois se deitam fora.

Vês aí de cima a *Amadinha*
a Bahia do outro lado do mar?
vês a da conceição a do desterro
a da mata, a das dores, a de ribamar,
a do amparo, a da lapa, o *Oceania*,
os chão de areia onde os naufragos
fundam casas d'água na maré baixa?

ou não vês nada como eu não vejo nada
eu que também falo de longe e de cima?
Pobre tolo, finjo falar e tu finges ouvir
nem eu nem tu nunca lá estamos
Fazemos por fora coisas que afinal são por dentro.

Vês agora o que é isso do que falo
meu passarito desossado?

¹ Poema performance em variações das frases lançadas de um avião por Christian Tobas nos Terceiros Encontros Internacionais de Arte em Portugal (Póvoa de Varzim, 1976). [Lido ao vivo](#) com sonorização de Elisa Pône, 2 de agosto 2024. Espaço Lounge da Feira do Livro, Passeio Alegre, Póvoa de Varzim, 20:00 h. Poema escrito no âmbito do Programa [Andor! Encontros, Manifestações De Rua E Espaços Vivos Na Póvoa De Varzim \(1976-2024\)](#) Performances, Oficinas, Filme e Conversa: 2, 3 e 4 de Agosto Exposição documental 2-30 de Agosto Diana Bar e ruas da Póvoa de Varzim Curadoria: Paula Parente Pinto e Rita Barreira